



Há tempos Nicolás prefere ficar trancado em seu quarto, ouvindo música a todo volume, com seus pôsteres, seu *video game*, suas manias. Abandonado pelo pai, recebe de sua mãe aventureira, que ele acha cafona, a “proposta” de passar as férias na selva mexicana. Um verdadeiro “programa de índio”, imagina o garoto. Quem diria que ali, no coração da mata, ele ia encontrar, ao mesmo tempo, a onça-pintada e um grande amor?



1 7 2 7 9 0

ISBN 978-85-418-1211-5



9 788541 812115



BARCO
A VAPOR

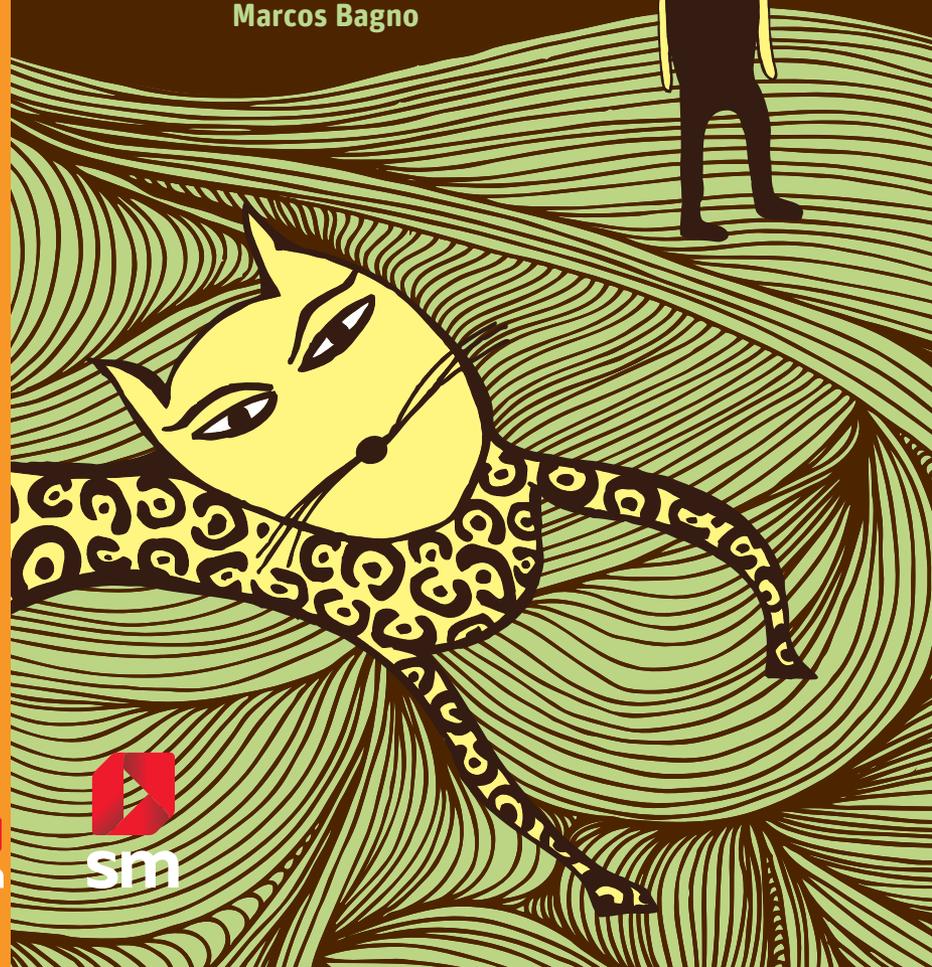
Sem rumo na selva

Monique Zepeda

Tradução
Marcos Bagno



SEM RUMO NA SELVA • MONIQUE ZEPEDA





BARCO
A VAPOR

Sem rumo na selva

Monique Zepeda

Tradução
Marcos Bagno



Título original em espanhol: *Sentido contrario en la selva*
© SM de Ediciones, S.A. de C.V., 2005

Coordenação editorial: Iuri Pereira
Preparação: Thaís Totino Richter
Revisão: Helena Alves da Costa e
Regiane Monteiro Pimentel Barboza

Edição de arte: Natalia Zapella
Ilustração de capa e mapa: Apo Fousek
Produção industrial: Alexander Maeda
Impressão: Completar nome da gráfica

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

Zepeda, Monique

Sem rumo na selva / Monique Zepeda; tradução Marcos Bagno.
— 2. ed. — São Paulo: Edições SM, 2015. — (Barco a Vapor. Série Laranja)

Título original: *Sentido contrario en la selva*
ISBN: 978-85-418-1211-5

1. Ficção - Literatura infantojuvenil I. Título. II. Série.

15-09968

CDD-028.5

Índices para catálogo sistemático:

1. Ficção : Literatura infantojuvenil

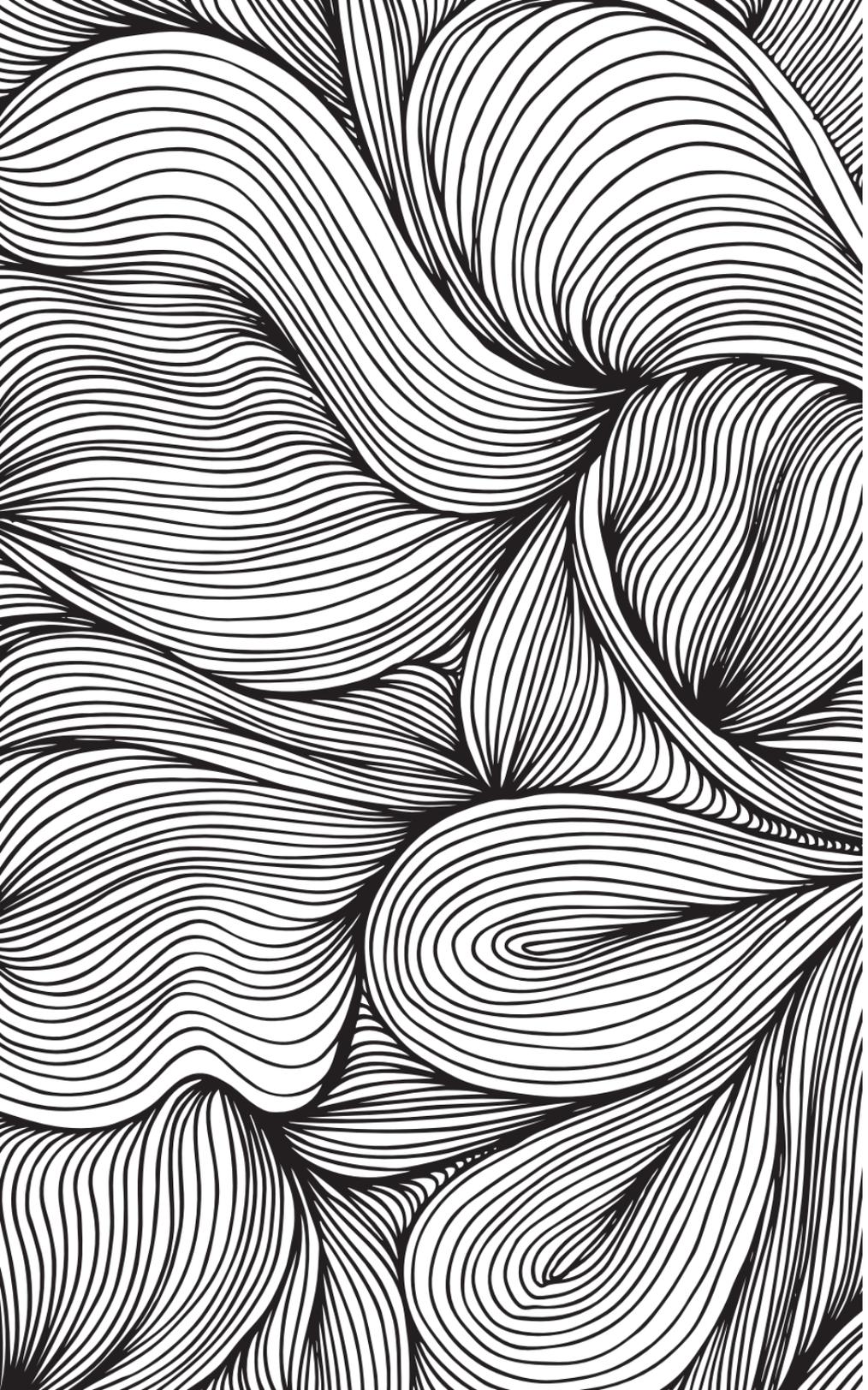
Gráfica conforme o novo Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa

1ª edição março de 2012
2ª edição 2015
5ª impressão 2018

Todos os direitos reservados a
EDIÇÕES SM
Rua Tenente Lycurgo Lopes da Cruz 55
Água Branca 05036-120 São Paulo SP Brasil
Tel. (11) 2111-7400
www.edicoessm.com.br

*Para Aco
e meus Nicos particulares*







SUMÁRIO

Em que fico sabendo onde terei de passar as férias (e minha reação à notícia...)	11
Quando, após mil horas de estrada, com uma caixa de ferramentas pesadíssima, acontece algo legal... ..	19
Em que fazemos preparativos entre víboras, crânios de macaco e aranhas enormes... ..	27
Em que “plantam” cabritos, eu me perco e reencontro uns vaga-lumes que já conhecia... ..	31
Em que a comida escasseia, chega um aviãozinho com nome e vejo, do céu, um mar de árvores... ..	39
Em que perco o ar e tenho vontade de fazer uma reverência... ..	49
Em que, graças aos tucanos, minha vida se transforma... ..	55

Em que, como se fosse um explorador de cinema, chego a uma cachoeira. Vocês nem imaginam o que aconteceu... ..	63
Em que fecho e abro a boca na hora errada... ..	67
Em que tenho um sonho e o gelo da selva se derrete... ..	73
Em que escuto passos atrás de mim na selva... ..	77
Em que me contam do que são feitas as pamonhas, e os rugidos não são de felino... ..	83
Em que acontecem coisas extraordinárias, sem exagero... ..	89
Em que ocorrem coisas esquisitas, suspeitas e estranhas... ..	95
Em que se planeja uma festa e se dissipa parte do mistério. Em que aprendo que o horário dos espíões e dos apaixonados é o mesmo... ..	103
Em que se pode ver que é possível se perder tanto nas decisões quanto nas trilhas da selva... ..	113
Em que descubro que as coisas que aconteceram no passado podem ser vistas de outra maneira... ..	117
Em que as coisas esquentam, e desaparece um aviõzinho cor de fogo... ..	119

Em que conto o que aconteceu de noite antes do ocorrido à tarde. Mais complicado, porém, é o coração... ..	125
Em que conto o que se passou antes, prova de que ver tanta TV não é tão ruim. E em que se sabe que o que não se conta é o mais importante... ..	129
Em que continuo contando meio em desordem, e os sentimentos contraditórios enchem a selva... ..	135
Em que vejo a utilidade de um caderno de notas que se transforma em espelho... ..	139
Em que se observam alguns fenômenos estranhos, exceto o da adivinhação do pensamento... ..	143
Bibliografia	147



PLAN DE AYUTLA

SERCA JIARR

LACANTIA-CUARANAN & LACANHA

BONANIM

Selva

SERCA SAN FELIX

LAGO MIRAMAR

RESERVA INTERCOMUNAL DA BIOSFERA MONTES AZULES

RESERVA DA BIOSFERA LACANTON

Lacandona

GUACAMAYAS

LACANTON

IXCAN



● EM QUE FICO SABENDO ONDE
TEREI DE PASSAR AS FÉRIAS
(E MINHA REAÇÃO À NOTÍCIA...)

— ONDE!!??

— Na selva lacandona¹, em Chiapas, no coração da mata...

— Nem morto, nem operado, nem amarrado...
Quanto tempo?

— Oito, dez, doze dias... o tempo necessário para que a gente encontre uma onça-pintada. Uma equipe de pesquisadores vai sedar a onça, marcá-la, medi-la, para continuar estudando seus hábitos...

A história da onça era legal, tenho de reconhecer, mas não estava disposto a desistir tão fácil do meu papel enfiado de adolescente trancado

1 Os lacandones são um grupo indígena maia que habita a selva lacandona na fronteira entre o México e a Guatemala, mais especificamente no estado de Chiapas, México. (N. da T.)

no quarto. Além disso, já tinha feito planos para estas férias, todos dentro do meu quarto. Saindo o menos possível das fronteiras da cama.

— É claro que sem TV, imagino — interrompi com um tom de voz que eu pretendia irônico.

— Sem TV nem luz, filho. Um acampamento móvel, seguindo o rastro de uma onça na selva. Deixe que eu lhe diga, pequeno videota: não é todo dia que alguém é convidado a participar de uma aventura dessas. Só pra ver se entendi: você vive assistindo a filmes de ação, mas, quando lhe dão de presente um pouco de ação, na vida real, prefere continuar na poltrona, diante da tela?

O tom de voz de minha mãe ia ficando cada vez mais exaltado. É uma característica dela. Como a conheço há tempos, sei que Terezita, que é como se chama esta senhora que me coube por mãe, começa querendo me convencer numa boa e acaba perdendo as estribeiras, impondo sua santa vontade. Conheço tanto Terezita — que na realidade detesta seu nome e adota o apelido de Zita — a ponto de prever todas as suas mudanças de humor.

— Não posso ir, Terezita (nome completo, uma estratégia de ataque que produz alterações no estado de ânimo da senhora minha mãe), tenho coisas para fazer aqui no meu quarto. Além do

mais, os mosquitos me acham delicioso, o sol me dá calor e caminhar me faz mal...

— Mas é disso mesmo que você precisa, Nicolás (o nome completo indica mau humor, pois em geral sou Nico e outros apelidos cafonérrimos). E por nada deste mundo quero perder essa viagem... Fui convidada como relatora da expedição. Além dos biólogos, vão um fotógrafo e outros membros de associações para preservação da natureza.

— Então vá sozinha, Tere... quer dizer, mamãe. Vá, eu fico...

Nos olhamos. Ambos sabemos que tal opção não existe. Explico: tenho a repugnante idade em que ainda não posso ficar sozinho. E a verdade — embora jamais o admita em público — é que eu também não gosto de ficar sozinho. Tere sabe disso e não usa contra mim. Um ponto para ela. Em geral, a salvação para as viagens inesperadas de minha mãe é minha avó. Ela, porém, está fora da cidade, numa convenção de avós, como chama as reuniões com as amigas. Pai não tenho. Bem, tenho, mas não conta. A opção de ficar com minha tia é inviável: bocejo só de me imaginar falando com ela sobre ioga, mantras, respiração, meditação, iluminação... Além disso, nesta época, ela faz um retiro budista.

— Filho, chuchuzinho (exemplo de apelido supermeloso de mãe disposta a convencer a qualquer preço), talvez publiquem meu texto em algum lugar, morro de vontade de ir...

É preciso que se saiba: minha mãe, bióloga e escritora frustrada, trabalha com coisas de que não gosta muito, mas precisamos comer. É o que ela diz.

Faço uma careta, sabendo que a batalha está perdida, mas que posso fazê-la sofrer bastante até a hora de partir, e depois também.

— E eu? Faço o que, na expedição? Aposto que vão me colocar para carregar as mochilas de todo mundo... Você já sabe da exploração que os adultos fazem de carinhas como eu.

— Não, filho, cada um carrega as próprias coisas. Temos de levar só o indispensável. E você vai porque é meu filho...

— Que boa ideia, Zita! Vou divertir o grupo! Você já sabe como posso ser agradável e engraçado...

— Veja, filho, sei que se você for obrigado, e é assim que vai encarar a coisa, pode se transformar em um ranzinza, mesmo sem abrir a boca, disso já sei. Mas penso que para um... (acho que ela ia dizer alguma barbaridade) para alguém da sua idade, uma viagem como essa pode ser maravilhosa. Não sei uma maneira melhor de

mostrar a você que a vida não se resume a televisão, *rock* e camiseta preta... amorzinho (careta invisível de minha parte, como de alguém engasgado)... que não é bom ficar trancado, sem fazer nada...

Aff... antes que ela continuasse despejando seu discurso saudável-ecológico-cabeça, liguei o aparelho de som em um volume alto. Era um convite para minha mãe sair do quarto e me deixar fechar a porta. Assim fez Zita, me olhando de modo estranho, medindo sua vitória e minha capacidade de estragar a viagem. Passei o trinco na porta e aumentei mais o volume, sabendo que iríamos para a selva. Fazer o quê?

Já faz algum tempo, meu quarto é o lugar onde me sinto melhor. Não tenho tantos amigos, e os que tenho andam obcecados com as meninas. Só falam de mulheres, que já beijaram alguém, que já sabem de tudo, que já fizeram isso e aquilo ou conhecem alguém que já fez. Eu acho isso tudo muito chato. Gosto das meninas, tudo bem, de uma ou outra, mas elas me dão pânico. Sinto-me lerdo, magro, desajeitado, não sei onde enfiar as mãos, não sei o que dizer a elas e, quando abro a boca, fico vermelho. É um horror.

Quando saio com meus amigos, depois de um tempo dando voltas pelo *shopping* e rondando como chacais as garotas, que assumem ares de princesa e riem deles, começo a me sentir um bicho esquisito. Disse que elas riem deles, não de mim, porque me mantenho afastado, observando-os. Claro que isso também faz meus amigos dizerem que sou de outro planeta. Definitivamente, sinto-me melhor trancado no meu quarto.

A selva lacandona... Sem dúvida, um lugar muito verde, muito cheio de bichos e muito, muito distante do meu quarto. Não sei que atitude tomar perante essa missão que minha mãe me impõe. Em outras ocasiões, adotei diferentes modos de me vingar pelas férias, por minha idade, minha aparência e por outras coisas que a vida me deve. Quanto ao “ranzinza”, minha mãe se referia a umas férias em que, cada vez que eu abria a boca, era para reclamar de algo ou fazer um comentário desagradável. É que ela se especializou em viagens rústicas e, daquela vez, havia escolhido uma cabaninha ao pé de um barranco, com mais de 150 degraus no caminho e sem água quente.

Nas férias seguintes, Zita decidiu (porque a democracia, na minha idade, parece difícil) ficar em um bangalô numa praia quase virgem. Fechei

o bico para não reclamar. Fechei e permaneci em absoluto silêncio durante os oito dias que durou a experiência. Não me queixei de nada. Em compensação, a senhora minha mãe, sim, se queixou bastante. O lavabo gotejava, plic, plic, plic, a noite toda. Pusemos uma toalha e o barulho passou a ser ploc, ploc, ploc... Resolvemos o problema dormindo nas redes da varanda, mas Terezita amanhecia com umas tremendas olheiras e as costas em petição de miséria. Assim como não abri a boca, também não tirei a roupa. Aparecia na praia ao entardecer, de calça e tênis, para mostrar meu profundo descontentamento. Até que vinha a calhar, pois não queria mostrar minhas pernas magras e meus joelhos ossudos. Como vantagem adicional, meu traje elegante me serviu de proteção. A pobre Zita ficou com o corpo coberto de picadas de mosquito. Não tinha mais onde aparecer nenhuma mancha.

— Desta vez, vou ter que pensar na maneira de mostrar minha posição contrária: calado e de cara fechada... olhando para o outro lado... Esse é um jeito que deixa os adultos loucos. Já comprovei. Talvez consiga pensar em algo mais. Antes de mais nada, enfiar na mochila muitos discos de *rock* pesado.